

Julio Diniz (Joaquim Guilherme Gomes Coelho) Esboço Biographico

Alberto Pimentel



Project Gutenberg

The Project Gutenberg EBook of Julio Diniz, by Alberto Pimentel

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.net

Title: Julio Diniz
Esboço Biographico

Author: Alberto Pimentel

Release Date: April 28, 2010 [EBook #32156]

Language: Portuguese

*** START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK JULIO DINIZ ***

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

ESBOÇO BIOGRAPHICO

JULIO DINIZ

(JOAQUIM GUILHERME GOMES COELHO)

ESBOÇO BIOGRAPHICO

POR

ALBERTO PIMENTEL

PORTO

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO

RUA FERREIRA BORGES, 31

1872

{5}

ESBOÇO BIOGRAPHICO DE JULIO DINIZ

I

Ao cómoro do athleta, que cahiu fulminado pela morte, não deixarão d'ir, em piedosa romagem, com as flores da saudade, os que mais d'uma vez lhe viram lampejar as armas impollutas ao sol da gloria litteraria. É um dever e um desafogo esta visita ao tumulo d'uma realeza que se extinguiu para os homens do seu tempo, mas que deixou após si um rasto luminoso no qual ha de reviver atravez das idades futuras. E tanto maior dever é, e tanto maior desafogo se afigura, quanto é certo que a litteratura portugueza, que parecia preparada para longa vida depois da fecunda revolução do romantismo, está vendo rarear dia a dia as suas fileiras, já porque a morte lh'as dizima, e já porque a politica lhe vem roubar com mão sacrilega os mais denodados legionarios para lh'os amollentar na vida regalada dos encargos parlamentares e diplomaticos.

Cada vez se vão multiplicando as perdas e as deserções, e todavia não se enxerga ainda no oriente o primeiro alvor d'uma aurora de redempção, que prometta trazer novos apostolos e novos soldados, novos elementos de vida, n'uma palavra, para o futuro das letras patrias. Vejamos se é isto verdade ou se não passa d'uma asserção gratuita.{6}

Percorramos, ainda que com o coração cheio de magua e os olhos marejados de lagrimas, os fastos da litteratura moderna. A cada passo, ao folhearmos tão triste necrologio, encontraremos uma pagina tarjada de lucto a recordar um talento que se apagou. Para logo se nos deparam os nomes illustres de Lopes de Mendonça, de Soares de Passos, de Coelho Lousada, de Faustino Xavier de Novaes, de José Freire de Serpa, de Arnaldo Gama, de Rebello da Silva, de Gomes Coelho, e de quantos outros que nos não lembram agora! As deserções

são por igual numerosas, mas, visto que escrevemos no Porto, contemol-as apenas *intra muros* e recordemos alguns litteratos que se secularisaram, José Gomes Monteiro, Augusto Luso, Alexandre Braga, e muitos outros que se dariam já por affrontados se rememorássemos a sua velha familiaridade com as musas. O mesmo aconteceu com o snr. Alexandre Herculano que, segundo parece, trocou definitivamente as letras pela agricultura.

Este mesmo pensamento já o snr. visconde de Castilho o deixou apontado na *Conversação preambular* que abre o *D. Jayme*: «Dos nossos poetas, diz elle, que tantos e tão viçosos pullularam sempre ao bafo benignissimo d'estes ares, quantos apontamos hoje em dia? Morreram uns; envelheceram outros, que é peor maneira de morrer; outros secularisaram-se para os negocios; outros desertaram para a politica; não poucos succumbiram á epidemia da inercia, e jazem, sobreviventes a si mesmos, sobre os seus proprios nomes, como estatuas sobre tumulos, armadas mas inertes.» Raros são pois os que, infatigaveis, se conservam ainda abroquelados para os mais galhardos torneios do pensamento, como que zombando da idade, que é enfermiça e cobarde o mais das vezes.

O author das linhas que deixamos citadas, o snr. visconde de Castilho, todo se enleva ainda no doce poetar da sua lyra, vasando no suavissimo rhythm da lingua portugueza as mais formosas obras primas da litteratura estrangeira. Não ha de certo em paiz nenhum mais abundante e prestimosa velhice.

O snr. Castilho é mais do que um traductor;—é um^{7} nacionalisador. Rir-se-hão da sua gloria os meticulosos, dizendo que é crime de lesa-magestade o pôr mão reformadora nos monumentos artisticos. Será. Mas o que é, em verdade, muito para louvar e agradecer, é que um litterato portuguez esteja dando á sua patria um Anachreonte que ella não tinha, um Moliére que lhe faltava, e um Goethe que lhe não dera Deus.

Camillo Castello Branco é realmente um escriptor incansavel, que tem enfermado na faina das letras, e que n'ella espera morrer, como aquelles guerreiros legendarios, de que falla a historia nacional, que só largavam da mão a espada, quando a morte lhes desnervava o braço.

Julio Cesar Machado sustenta, ha longos annos, as boas tradições do folhetim portuguez com uma graça e uma delicadeza que fazem ainda suppôr que elle não completou siquer vinte e cinco annos.

O snr. D. Antonio da Costa tem sido, é, e será sempre o apóstolo convicto da suada obra do bem, o propagador nunca esmorecido d'essa grande verdade chamada instrução nacional, que aos espiritos mais levianos de Portugal se afigura ainda, e Deus sabe por que tempo se afigurará, infelizmente, uma formosa utopia de ministro poeta.

Pinheiro Chagas é d'estes combatentes válidos e corajosos, que nunca desanimam nem fraquejam nas campanhas litterarias, posto que seja muito para receiar que a politica, que já lhe franqueou as portas de S. Bento, venha um dia a adormecel-o na indolencia dos seus braços perfidamente voluptuosos.

Poderá causar reparo que não citemos o nome do snr. Mendes Leal; mas s. exc.^a, envolvido em negocios diplomaticos presentemente, só de longe a longe apparece na imprensa ou desobrigando-se de encargos academicos ou modulando um carne fugitivo que mais saudades nos deixa da sua lyra poderosa.

O snr. Manoel Roussado, hoje barão d'este nome, e que era aliás um folhetinista de muito espirito, sahiu de Portugal para exercer no estrangeiro um consulado, quando o visconde Ponson du Terrail lhe começou a{8} disputar tenazmente o *rez de chaussée* do *Diario Popular*. São portanto tres ou quatro os lidadores que estão em campo, e que ahi recolhem os louros do triumpho, sempre que sahem a provar a fina tempera de suas armas. Outros ha, como João de Deus, Anthero de Quental, Pereira da Cunha, visconde de Benalcanfor (Ricardo Guimarães), Teixeira de Vasconcellos, que, talvez enojados d'esta alluvião de versões a tostão o volume e de questiunculas de fanatismo religioso e politica bichosa, raro dão mostras de vitalidade litteraria.

Intencionalmente deixamos para o ultimo logar o snr. Theophilo Braga, por se nos afigurar que, escrevendo a *Historia da Litteratura Portuguesa*, está traçando o epitaphio das letras patrias cuja nova historia só uma outra renascença, proxima ou remota, poderá reatar. Procurando as causas etyologicas d'esta crise litteraria, não seremos dos que só attribuem o mal aos romances abstrusos de Ponson du Terrail, á influencia nociva da sua eschola *realista*, e ás operetas d'Offenbach, mas sim dos que lançam a culpa a esta epocha revolucionaria e anormal que está collocando a Europa toda sobre a cratera d'um vulcão que tem já vomitado as primeiras lavas.

Não queremos ser prophetas da historia e aventar em que periodo e sobre que

zona geographica rebentará primeiro a medonha erupção. Ha de vir, infelizmente acreditamos que ha de vir, mas não sabemos quando. O que é porém certo é que esta ebulição politica europea tem affectado sobremodo as litteraturas. A França, que d'ha muito ia sempre na vanguarda das sciencias e das artes, vae fluctuando como póde sobre o sangue derramado pela guerra com o estrangeiro e pela communa, e Deus sabe quando os seus negocios terão um character definitivo e seguro. O theatro francez está tão abatido como o theatro portuguez, onde se dão hoje as comedias hispanholas entrajadas á portugueza, por não haver realmente d'onde se importar melhor litteratura dramatica. A novissima geração, que poderia ser garantia de rehabilitação, resente-se d'esta incerteza geral e espaneja-se de genero em genero mais por se desfadigar de tristeza e tédio do que para amontoar peculio para o futuro,^{9} que será de certo a revolução, e que portanto lhe havia de queimar as obras antes de lh'as lêr.

N'estas circumstancias especiaes e gravissimas é sobremodo para lamentar o que em qualquer tempo é sempre para sentir,—a perda d'um athleta que denodadamente luctava contra a indifferença geral, fazendo-lhe rosto e obrigando-a, apezar de sua pertinacia, a dobrar-lhe o joelho em sincera adoração. Joaquim Guilherme Gomes Coelho era um d'estes raros e poderosos luminares das lettras patrias, que, por não serem já muitos, se tornam indispensaveis. São estes homens os que devem ter uma biographia, porque a dos que nasceram para não deixar vestigios da sua passagem na terra resume-se apenas nas poucas palavras inscriptas na lousa que lhes demarca os sete palmos de terra.

II

Joaquim Guilherme Gomes Coelho, filho de D. Anna Gomes Coelho e de José Joaquim Gomes Coelho, nasceu no Porto aos 14 de novembro de 1839.

É dever nosso dizermos, remontando-nos á sua infancia, que frequentou primeiras lettras com Antonio Ventura Lopes, em Miragaya, sendo que n'estes inexperientes adejos de ave implume, que, saudosa do ninho paterno, receia defrontar-se com a figura mais ou menos severa d'um homem desconhecido, o professor, lhe serviu de estimulo e conforto a voz carinhosa e authorisada de seu irmão, José Joaquim Gomes Coelho. E pois que veio de geito escrever-se este nome, digamos de relance que era o de um profundo e notavel talento, que ainda hoje é motivo de justissimo orgulho para os fastos gloriosos da Academia Polytechnica do Porto, onde José Joaquim Gomes Coelho frequentara

distinctamente o curso mathematico.{10}

O snr. J. J. Rodrigues de Freitas Junior, no seu discurso pronunciado na abertura das aulas da mesma Academia em 1 de outubro de 1867, alludindo aos mais distinctos estudantes dos cursos preteritos, fez menção honrosa do irmão de *Julio Diniz* e, não contente com isso, consagrou-lhe em uma nota explicativa estas saudosas palavras:

Gomes Coelho nasceu a 7 de novembro de 1834 e morreu a 30 de dezembro de 1855, tendo completado, havia dous mezes, o curso de engenharia civil. Foi premiado em diversas aulas; e sel-o-ia n'outras, se não houvesse perdão de acto em dous annos da sua frequencia,

O grande poeta Soares de Passos escreveu o seguinte epitaphio para a campa do infeliz e sympathico mancebo:

Vinte annos? Ai! bem cedo arrebatado
O guardaste no seio, ó campa fria!
Flor passageira, succumbiu ao fado,
E seus perfumes exhalou n'um dia!

Quanta illusão desfeita em seu transporte!
Sonhou glorias, talvez! sonhou amores!
Tudo, tudo aqui jaz! Carpi-lhe a sorte;
Derramai-lhe na tumba algumas flores!

Era norma inalteravel das melhores educações d'aquelles tempos desenvencilhar a meada das declinações latinas, depois de estudada a grammatica nacional, theorica e praticamente. Gomes Coelho, como era de rigor, tomou assento entre a numerosa fila dos discipulos do padre José Henriques d'Oliveira Martins, conhecido latinista do Porto, já fallecido, e então muito em voga como professor particular. Como se não affrontasse demasiadamente o seu lucido espirito com o estudo da litteratura romana, começou, ao mesmo tempo, a iniciar-se na lingua franceza, ensinada pelo irmão com sensiveis progressos do discipulo e verdadeiro orgulho do professor. Familiarisado com os idiomas que eram então exigidos como preparatorios para um curso superior, matriculou-se em logica nas aulas da Graça, denominação que n'esse tempo se dava ás aulas publicas do Lyceu e da Academia, reunidas no mesmo edificio e principiou{11} simultaneamente a estudar inglez com o snr. Narciso José de Moraes Junior, professor particular.

As difficuldades que ordinariamente embaraçam a traducção dos classicos inglezes, não lhe foram obstaculo a que sobremodo os ficasse estimando, senão de preferencia, ao menos a par dos poetas latinos e francezes que a esse tempo já versava. É para notar que, sendo Gomes Coelho incorrecto na pronuncia do inglez, a ponto de desafinar os tranquillos nervos britannicos que por ventura o surprehendessem em peccado de lesaprosodia (como me diz pessoa de suas intimas relações e muito entendida no assumpto) vencesse por uma notavel intuição as mais intrincadas subtilezas que, não só a esse tempo, mas em todo o decurso de sua vida, lhe podia offerecer a leitura de Shakspeare, Milton e Byron, chegando muitas vezes, especialmente em Shakspeare, a sobrepujar a traducção franceza de Guizot.

Entre os quatorze e quinze annos, idade que então contava, matriculou-se na Academia Polytechnica nas aulas de chimica e primeiro anno de mathematica, regida pelo lente Antonio Luiz Soares.

Data d'essa epocha a sua intimidade com o notabilissimo poeta portuense Antonio Augusto Soares de Passos, e como o espirito de Gomes Coelho era d'estes que nascem com o privilegio de assimilarem toda a casta de conhecimentos, por mais heterogeneos que sejam, começou a manifestar certo enthusiasmo pela litteratura, enthusiasmo que a convivencia com o cantor do *Firmamento* foi desenvolvendo, dia a dia, insensivelmente. A poesia sorria-lhe já no intimo da alma uns doces sorrisos de visão feiticeira, mas tão egoista se sentia elle de tamanha felicidade, que não ousava metrificicar os seus secretos colloquios com a fada da inspiração. Egoismo ou modestia,—ambas as coisas talvez. O certo é que o poeta não se tinha revelado ainda pelos versos, mas se adivinhava já pelos arrôbos.^{12}

III

De 1854 a 1855 frequentou Gomes Coelho as aulas de segundo anno de mathematica e physica na Academia Polytechnica. Devemos notar que em todas as disciplinas que cursara obtivera classificações honrosas e *accessits*, não recebendo premio um anno por ter sido tirado á sorte, o que não exclue a distincção.

Fique d'uma vez para sempre esta advertencia.

No anno lectivo seguinte, em que frequentava botanica e zoologia, succumbiram a dolorosos soffrimentos pulmonares, molestia hereditaria, porque a mãe de Gomes Coelho era tuberculosa, os seus dois irmãos José e Guilherme. Alanceado com este duplo golpe o seu affectivo coração, parece que só encontrara balsamo para tão profundas feridas n'umas tristezas poeticas curtidas na solidão luctuosa do lar, tristezas que são tambem suaves, porque nascem da saudade, ao mesmo tempo espinho que fere e flôr que embriaga.

Em 1856 entrou Joaquim Guilherme Gomes Coelho na Eschola Medico-Cirurgica, desempenhando-se das suas obrigações academicas, durante todo o curso, com notavel distincção.

Tenho sobre a minha banca a dissertação inaugural que defendeu em 1861, perante o corpo cathedratico da mesma Eschola. Intitula-se: da *Importancia dos estudos meteorologicos para a medicina e especialmente de suas applicações ao ramo operatorio*. Como trabalho litterario, que só assim, ainda que mal, o podemos avaliar, afigura-se-nos digno de confrontar-se com os escriptos posteriores de Gomes Coelho. Sobre o merecimento scientifico pronunciou o tribunal academico o seu *verdictum* sobremodo honroso para o alumno que exemplarmente encerrava o curso escholar.^{13}

Não foi isenta de soffrimentos physicos a sua vida d'estudante; de enfermidades moraes já vimos que tambem não foi.

No segundo anno do curso medico teve uma hemoptyse ligeira, bolçando sangue em pequena quantidade. Apesar d'este triste prenuncio, e da morte recente de seus dous irmãos, não esmoreceu na assiduidade com que desvelava as noites abancado diante dos compendios sobre os quaes mais d'uma vez se espanejaria, borboleta inquieta, o genio invisivel da poesia.

Em 1860 appareceram versos seus, com o pseudonymo de *Julio Diniz*, na *Grinalda*.

D'elles nos occuparemos mais adiante.

Graduado em medicina, restava-lhe exercer a clinica. Não lh'o consentia porém uma certa repugnancia natural, um certo pudor, digamos assim, que purpureava a consciencia do medico, quando de si para si tinha de accusar de impotente a sciencia que professava, á cabeceira d'um moribundo, ao lado d'umas creancinhas loiras que iam ser orphãs ou d'uma mulher lacrimosa que ia

ficar viuva.

E depois o seu genio avesso a quaesquer expansões, a sua natural melancolia, suave mas meditativa, oppunham-se diametralmente aos predicados que se lhe afiguravam indispensaveis ao medico clinico, visto o que elle escrevia do João Semana, nas *Pupillas do senhor reitor*: «Esta bossa anedoctica é sempre de grande valor para o facultativo que aspira á vida clinica. Uma historia contada a tempo, e com graça, vale bem tres recipes, pelo menos.»

Foi de 1861 a 1862 que, já livre dos trabalhos escolares, escrevera o romance *Uma familia de inglezes* durante os tranquillos ocios do seu gabinete, d'onde poucas vezes sahia, com a repugnancia que deixamos mencionada, para visitar um ou outro doente.

Em abril de 1863 poz-se a concurso o lugar de demonstrador da secção medica na Eschola do Porto. Gomes Coelho apresentou-se candidato, não tanto por se julgar habilitado á concorrência, em razão da extrema desconfiança que tinha da sua mesma proficiencia, como^{14} para renunciar d'uma vez para sempre á vida clinica com que não podia transigir. No meio dos assiduos estudos que então fizera veio assaltal-o a doença, e Gomes Coelho, poucas horas depois de ter tirado ponto teve de abandonar o concurso diante do character assustador com que se apresentou a pneumo-hemorrhagia.

Então, a instancias de seu pae, foi passar algum tempo, tres ou quatro mezes, a Ovar, onde tinha parentes.

Depois de escrever o romance *Uma familia de inglezes*,—a sua estreia litteraria,—compoz o formoso romancezinho *As apprehensões d'uma mãe*, em 1862, o *O espolio do senhor Cypriano*.

As Apprehensões d'uma mãe começaram a sahir em folhetim a 11 de março d'esse anno, no *Jornal do Porto*. A redacção d'este periodico agradeceu o mimoso presente, que de mão desconhecida recebia, com estas amaveis palavras:

Damos hoje principio á publicação do mimoso romance—*As apprehensões d'uma mãe*—que delicadamente nos foi offertado pelo cavalheiro que se embuça com o pseudonymo de Julio Diniz.

Sobrio de phrases e palavras retumbantes e arrevezadas, despido mesmo de atavios e damices de linguagem,—*As apprehensões d'uma mãe*—é, na singeleza do seu dizer, o daguerreotypo dos singelos

costumes da provincia do Minho, da melhor perola do nosso Portugal.

Calamos elogios ao merecimento do romance, para que se não infira que vai n'elles a paga da offerta.

O nosso silencio poupa a modestia do author; e a publicação do romance, apenas encetada, prova o apreço em que o temos.

Se estas palavras são elogios, que traduzem agradecimentos, receba-os o snr. Julio Diniz, em boa hora, para que nos abram a porta da desculpa, que pedimos, por havermos, contra vontade, demorado a publicação das—*Apprehensões d'uma mãe*.

A 4 de novembro do mesmo anno sahiu, no *Jornal do Porto*, o primeiro folhetim do *Espolio do senhor Cypriano*, com o pseudonymo de *Julio Diniz*.

Cabe, pois, ao *Jornal do Porto* a honra de ter sido a lente que reflectiu os primeiros alvares do seu talento. N'aquelle acreditado órgão da imprensa portugueza muitas aguias, como em ninho querido, teem ensaiado^{15} forças para voar depois ás regiões do poder e ás eminencias litterarias. Basta que citeamos como exemplos, ao correr da penna, os nomes de José Luciano de Castro, Barjona de Freitas, Ramalho Ortigão, Augusto Soromenho, D. José d'Almada, Teixeira de Vasconcellos e *Julio Diniz*. Um grande escriptor, porém, alli começou a manifestar o seu gentilissimo espirito, sem se namorar dos triumphos em que outros pozeram mira, e a que chegaram pelos seus proprios merecimentos, que o *Jornal do Porto*, diga-se de passagem, tem sempre combatido pelos direitos publicos na vanguarda do periodismo portuguez, sem hypothecar a sua opinião a influencias pessoas ou compadrios politicos. Permitta-se ao mais obscuro redactor d'aquella folha este sincero preito de consideração pelo nobre character do seu proprietario.

O escriptor a que nos referimos chamava-se Francisco de Paula Mendes, e outra individualidade não conhecemos que mais relações de similhaça tivesse com o romancista, cujo esboço biographico estamos traçando.

Ambos herdaram de suas mães os germens da molestia a que succumbiram; em ambos era igual a modestia; ambos honraram as columnas do *Jornal do Porto*; ambos foram procurar á ilha da Madeira a saude que já não podiam encontrar; e ambos, finalmente, deixaram lacunas quasi irremediaveis no jornalismo e na litteratura.

IV

De 1862 a 1863 escreveu Gomes Coelho o romancinho—*Novellos da tia Philomella*, que principiou a ser publicado no *Jornal do Porto* em 22 de janeiro d'este ultimo anno.

Foi em Ovar, onde o deixamos em patriarchal tranquillidade, que planisou e traçou os primeiros capitulos das *Pupillas do senhor reitor*. O seu espirito, refocillado^{16} nos ocios d'uma convalescença despreoccupada, comprazia-se nas variadas scenas com que a imaginação poderosa do poeta anima um mundo phantastico que para si creou. Assim se explica a espontaneidade com que não só encetou o romance *Pupillas do senhor reitor*, mas com que tambem foi trabalhando simultaneamente n'esse formoso esboceto—*Uma flor d'entre o gelo*—, cuja publicação começou no *Jornal do Porto* em 21 de novembro de 1864, apparecendo pela primeira vez o seu nome—Gomes Coelho.

Em maio de 1864 sahiram no mesmo jornal dois folhetins, creio eu, com o titulo de *Cartas ao redactor do Jornal do Porto ácerca de varias coisas*, rubricadas com o pseudonymo de *Dianna de Avelleda*. Facil foi reconhecer-se então sob aquelle véo transparente a individualidade litteraria de Gomes Coelho. Entrelembro-me que a maior parte de um d'esses folhetins era consagrada á memoria de Rodrigo Paganino, talento que, pela sua extrema delicadeza e o seu amor aos assumptos campesinos, tinha estreita affinidade com o de *Julio Diniz*. Em agosto d'esse anno publicou com o mesmo pseudonymo, e no mesmo jornal, alguns folhetins, poucos foram, sob a epigraphe—*Impressões do campo, a Cecilia*.

Em 1867 appareceram ainda com igual pseudonymo, no jornal litterario *Mocidade*, umas *Cartas á vontade, a Cecilia*, devidas á penna sempre modesta de Gomes Coelho.

As *Pupillas do senhor reitor* não vieram completas, quando o author regressou ao Porto, e a causa de só começarem a ser publicadas no *Jornal do Porto* em maio de 1866 foi de certo o ter de se preparar para concorrer pela segunda vez em janeiro de 1864 ao logar de demonstrador da secção medica da Eschola.

No anno seguinte, apresentou-se pela terceira vez candidato ao mesmo logar, e n'esse mesmo anno foi despachado.

Já que estamos fallando da sua carreira cathedratica, diremos que por decreto de 27 de julho de 1867 fôra promovido a lente substituto da mesma secção, e que^{17} por decreto de 27 d'agosto do mesmo anno recebera a nomeação de secretario e bibliothecario da mesma Eschola.

Em maio de 1866, como já dissemos, principiaram a sahir em folhetins as *Pupillas do senhor reitor*, que em outubro do anno seguinte se publicaram em livro. D'este romance, o primeiro volume que se brochou offereceu-o *Julio Diniz* a seu primo e amigo, o snr. José Joaquim Pinto Coelho, como brinde natalicio, sendo esta uma das mais intimas festas de familia a que não costumava faltar.

O romance *Pupillas do senhor reitor* conta já tres edições successivas.

No *Jornal do Porto*, de 7 de fevereiro d'este anno (1872) appareceu a seguinte noticia:

JULIO DINIZ.—O rasto luminoso que o talento de Julio Diniz deixou na liiteratura portugueza não se apagará jámais.

O dito d'Horacio não é,—ainda bem!—uma palavra vã—*Non omnis moriar*. Julio Diniz começa a reviver na posteridade, e o *Diario de Noticias* do dia 5 mais nos entalha na alma esta profunda convicção com a seguinte noticia:

«Lord Stanley of Alderley está preparando a versão para inglez do lindo romance—*As Pupillas do senhor reitor*, de Julio Diniz.

Dá-nos esta interessante noticia o *The Athenaeum*, jornal de litteratura que se publica em Londres, e do qual é correspondente em Lisboa o snr. Soromenho.»

A 2 de maio de 1867, afoitado pelo successo d'este romance, encetou a publicação da sua estreia litteraria—*Uma familia de inglezes*,—que no anno seguinte sahiu á luz em volume com o titulo de *Uma familia ingleza, Scenas da vida do Porto*.

Este livro já teve duas edições.

A *Morgadinha dos canaviaes* foi escripta com extrema rapidez e começou a publicar-se no *Jornal do Porto* a 14 d'abril de 1868, sendo reimpressa em volume logo depois.

Em março d'esse anno subiu á scena em Lisboa o drama que o snr. Ernesto Biester extrahiu do romance *Pupillas do senhor reitor*. Gomes Coelho foi a Lisboa, acompanhado pelo seu amigo o snr. José Augusto da{18} Silva, no proposito de assistir como simples e obscuro espectador á estreia do drama. Estava elle no theatro da Trindade, pensando de certo em gozar a modesta tranquillidade do incognito, quando o snr. Henrique Nunes, distincto photographo portuguez, que o conhecia do Porto, o denunciou como author das *Pupillas*. A noticia circulou com a rapidez da electricidade, e para logo proromperam as plateias em entusiastica ovação, sendo Gomes Coelho victoriado pelo publico e cumprimentado por alguns litteratos distinctos que estavam presentes.

O *Diario Popular*, de 24 de março de 1868, escreveu mais circumstanciadamente do assumpto, quando pela terceira vez se representaram no theatro da Trindade as *Pupillas do senhor reitor*:

O exito d'esta peça correspondeu ao muito que esperavam d'ella os que prezam as boas letras e se occupam com interesse de novidades theatraes. E na realidade é tão raro vêr sobre a scena portugueza dramas puramente nacionaes, que não podemos deixar de applaudir a appareição de uma comedia que pelo desenho dos costumes, pela contextura, e pela linguagem honra o magro repertorio dramatico do nosso paiz. Dividida em sete quadros, resume a comedia todas as principaes scenas e peripecias, que dão vida ao romance com que o snr. Gomes Coelho enriqueceu a litteratura moderna, e cuja primeira edição foi esgotada em menos de um mez.

Como os leitores sabem já, as *Pupillas do senhor reitor* foram representadas no sabbado em beneficio da actriz Delfina. A mais escolhida sociedade occupava os camarotes, balcões e plateias.

El-rei D. Luiz, não querendo deixar de honrar com a sua presença a festa da distincta actriz, foi primeiro do que a nenhuma outra parte, provar a Delfina o muito apreço que liga ao seu talento.

Desde o final do primeiro acto até que o pano baixou terminando o espectáculo, os applausos repetidos e entusiasticos testemunharam o prazer com que era recebida a producção, que o snr. Biester com tanta habilidade desentranhou d'aquella chronica d'aldeia, que n'um só dia deu nome ao que a havia escripto. Na primeira representação o publico chamou no fim do terceiro quadro o snr. Biester, que veio á scena agradecer. Quando novamente foi chamado no fim do sexto quadro, sabendo já que o celebre author do romance, o snr. Gomes Coelho (Julio Diniz) se achava na plateia, veio ao palco o snr. Biester, pediu silencio, e disse pouco mais ou menos as seguintes palavras:

«Aquelle que realmente merece os vossos applausos está entre nós. Eu não fiz mais que apresentar debaixo da fórmula dramatica{19} um dos mais notaveis livros que se tem publicado n'este paiz. A esse escriptor já coroado dos applausos publicos peço eu agora a honra de permittir-me que o apresente n'este logar ao publico que o deseja vêr.»

A plateia levantou-se para applaudir o snr. Biester e o snr. Gomes Coelho, que se recusou a subir ao palco. Veio buscal-o á plateia o snr. Biester, e, mal appareceram ambos no palco, o entusiasmo do publico

chegou ao delirio. A todos commovia a modestia dos dois escriptores; um escondendo-se na plateia e furtando-se aos applausos, outro pretendendo que toda a gloria coubesse ao snr. Gomes Coelho.

Os actores que ainda estavam em scena abraçaram o snr. Gomes Coelho que profundamente commovido mal podia proferir uma palavra.

O correspondente de Lisboa dizia na sua carta para o *Jornal do Porto* no mesmo dia e mez de março de 1868:

O Porto teve dois triumphos em Lisboa nos ultimos dias—o da opera *Arco de Sanct'Anna*, do snr. Noronha, e o das *Pupillas do senhor reitor*, do snr. Gomes Coelho (romance transformado em drama pelo snr. Biester.)

Ambos estes filhos do Porto foram victoriados delirantemente, o primeiro no theatro de S. Carlos, e o segundo na Trindade.

O drama agradou, e o desempenho foi bom por parte dos actores Taborda, Izidoro, Queiroz, Emilia Adelaide e Rosa: pelos outros apenas supportavel.

Quanto ao merecimento do drama, consignemos de passagem que não satisfizesse a critica litteraria senão por ser um reflexo, ainda que pallido, do romance de *Julio Diniz*.

Pinheiro Chagas revelava-o em folhetim do *Jornal do Commercio*, poucos dias depois da primeira representação:

A luz do proscenio,—escrevia elle—digamol-o emfim, é uma luz mentirosa; a perspectiva do theatro tem condições especiaes. Ponham os frescos de Raphael recortados nos bastidores, e eu lhes juro que não produzem metade do effeito de quatro borrões espraçados na lona pelo snr. Procopio.

Em 6 de julho do mesmo anno, estando no Porto a companhia do theatro da Trindade, pôz em scena o drama *Pupillas do senhor reitor*. Copiemos ainda do {20} *Jornal do Porto* o que no dia seguinte escrevia a tal respeito:

É muito difficil adaptar bem á scena o entrecho d'um romance. Para que qualquer obra litteraria se considere absolutamente boa é preciso que os factos que n'ella se expressam, debaixo de nenhuma outra fórma se manifestem melhor. Um bom drama feito com o mesmo assumpto que inspirou um romance, seria a condemnação d'este, e equivaleria a dizer o dramaturgo ao romancista: «As tuas trabalhadas descripções e a esmerada pintura dos teus typos estavam de mais nas trezentas e sessenta paginas do teu livro: aqui tens os mesmos effeitos n'um só dialogo em tres actos.»

A razão de não ser mais perfeito o drama que vimos hontem consiste em ser muito bom o romance que lemos ha poucos mezes. A unica culpa de Ernesto Biester é Julio Diniz.

E mais abaixo:

A sala estava inteiramente cheia. Pela manhã já não apparecia um bilhete de plateia inferior. De tarde pedia-se libra e meia por um camarote de terceira ordem.

V

Já seria occasião de estudarmos a *maneira* do romancista. Todavia, attendendo a que *Julio Diniz* primeiro se revelou ao publico poeta que romancista, corre-nos obrigação, por amor da chronologia, de primeiro o avaliarmos, consoante nossa opinião, nos seus versos, que nas suas novellas.

A pagina 40 do terceiro volume (1860) da *Grinalda* apparece pela primeira vez o pseudonymo *Julio Diniz* rubricando uma poesia que se intitula *A J...* Quem fosse *Julio Diniz* não se sabia então; não o sabia o mesmo redactor da *Grinalda*, Nogueira Lima, que recebera os versos pelo correio.

Gomes Coelho, apesar de o conhecer pessoalmente, porque Nogueira Lima era tambem amigo dos seus mais{21} intimos amigos, os snrs. A. A. Soares de Passos, Custodio José de Passos, Augusto Luso, José Augusto da Silva e outros, não ousara, por excesso da sua peculiar modestia, impôr-se delicadamente como collaborador da *Grinalda*, procurando o redactor e proprietario, e entregando-lhe os seus versos. Não fizera assim. Enviara-lh'os cautelosamente e, por mais d'uma vez, escutara em silencio Nogueira Lima sobre o merecimento d'uma ou outra composição poetica á medida que pelo correio as ia recebendo com a rubrica *Julio Diniz*.

A inicial que serve de epigraphe á poesia publicada em 1860 na *Grinalda* envolve de certo um segredo intimo do poeta, e por conseguinte insondavel. Gomes Coelho morreu celibatario, viveu sempre na solidão amiga dos seus livros e, não obstante, em todos os seus versos, em todos os seus romances, modelava o typo da mulher por um formoso ideal de perfeições quasi divinas.

O que é certo é que na sua alma havia a tristeza temperada dos poetas que, como Lamartine, nascem para cantar e soffrer. As paixões revoltas de Byron e Espronceda não as conhecia elle. Era portanto o poeta da solidão, que vivia do seu ideal, longe do bulicio da sociedade, onde outros iam afinando a lyra pela excitação febril dos sentidos.

É justo que transcrevamos na sua integra os versos de que vimos fallando, não só por este destino mysterioso que elle lhes dava, como por serem os primeiros que sahiram publicados com o seu habitual pseudonymo:

A J...

Acredita que os anjos tambem soffrem
N'esta mansão de dores,
E não olhes o mundo lacrimoso,
Quando o vires despido de fulgores.

Mal sabe a rosa, ao vecejar lasciva
Em plena primavera,
Que é passageira a quadra, que apoz ella,
Se despovoa o prado e a morte a espera.^{22}

O terreno, que pizas n'esta vida,
Occulta um precipicio;
O caminho, onde ao fim vemos a gloria,
Quantas vezes termina no supplicio!

Eu já vi, junto a um tumulo isolado,
Um grupo de crianças,
Dando as mãos e travando em chão de morte,
Com risos infantis, alegres danças.

Vi-os tambem sorrirem descuidados
Se piedoso viandante
Parava pensativo e, murmurando
Uma humilde oração, passava adiante.

Assim tambem sorris, se melancolico
Eu penso no porvir,
Quando uma sombra vem turbar-me a fronte,
Tu, como elles, contemplas-me a sorrir.

Mas olha, quer's saber a historia triste
D'esses tres innocentes,
Que, sobre as cinzas frias d'uma campa,
Se entregavam a jogos complacentes?

Á noite a mãe, beijando-os, estranhou-lhes
Da face a pallidez,
E um presagio sentiu ao alvor do dia...
Eram frios cadaver's todos tres.

É que os ares do tumulto dão morte
Em afago homicida,
N'esse ar infecto em que se extingue a chamma
Tambem arqueja e expira a luz da vida.

Teme pois tambem tu, candida virgem,
O ar que aqui respiras,
E não perguntas mais ao viandante,
Que pensamentos d'amargor lhe inspiras.

Transparece d'estes versos,—senão os primeiros, uns dos primeiros de *Julio Diniz*,—a luz pallida d'uma alma triste. Em todas as composições posteriores, que litterariamente valem muito mais, especialmente as ultimas, prevalecem as cadencias melancolicas, que fazem lembrar o *Cahir das folhas* de Millevoie e as *Azas brancas* de Garrett.

No quinto numero do mesmo volume veem novas^{23} estrophes suas, que teem estreita relação com as que acima deixamos transcriptas. Intitulam-se *Apparencias*. *Julio Diniz* extranha o teimoso sorriso nos labios da pessoa a quem se dirige:

Sempre o riso em teus labios! N'essa fronte
Nem uma sombra apenas!
Nem uma nuvem só, lá no horizonte
A ameaçar-te com futuras penas?!

Presente-se uma alma de poeta em completo antagonismo com outra alma, que ou nasceu fadada para estranhas alegrias ou, menos sincera, sabia concentrar em si mesma o segredo das suas maguas.

Quem sabe! Quantas vezes é mentida
Dos labios a alegria?
Quantas vezes no peito comprimida
Nos devora latente uma agonia!

Ainda na collecção do mesmo anno vem uma terceira poesia de *Julio Diniz*, cujo assumpto é estranho ao das duas precedentes. Todavia o poeta, sempre

delicado, compraz-se em cantar os primeiros estremecimentos d'um coração de mulher, e intitula o seu canto—*O despertar da virgem*.

No quarto volume (1862) da *Grinalda* sahiram duas poesias de *Julio Diniz*. Intitula-se a primeira—*A noiva*. É ainda o coração da mulher o assumpto,—da mulher que está sentindo alternadamente os jubilos e os sobresaltos do noivado. É, podemos dizel-o, um estudo psychologico escondido n'uma tradição da idade-media. A noiva está prompta, toucada, anciosa...

A noite passára em vela.
E que noiva a dormiria?
E, ao desmaiar das estrellas,
Alvorçada se erguia
E a alva flôr da laranjeira
Ao véo de neve prendia.

Estas alegrias nupciaes não podiam deixar de ser anueadas pela inspiração melancolica do poeta. Passam-se^{24} as horas, e o noivo não chega. Em compensação, vem a noticia de ter sido morto em combate. A noiva succumbe

E a alva flôr da laranjeira
Com ella á campa descia.

A segunda poesia denomina-se *Thereza*, e na ideia tem alguma coisa d'aquella suavidade dolorida dos versos de Soares de Passos. O ninho querido onde o poeta modula os sens carmes é o coração da mulher. *Thereza* é a historia d'uma creança pallida e triste, d'aquella tristeza scismadora das almas fadadas para o soffrimento, que só tem sorrisos nos labios no dia em que presente a morte...

Era uma criança loira
Quando a vi na sepultura;
Da açucena tinha a alvura,
Teve o seu curto durar.

.....

Folheando o quinto volume da *Grinalda* encontramos tres poesias de *Julio Diniz*. A primeira é uma versão de Henri Heine, que de certo Gomes Coelho escolheu pela delicadeza peculiar das legendas allemãs, que a caracteriza. A segunda,—*No altar da patria*—é uma formosa composição realmente, em que o coração da mulher lucha entre duas forças igualmente poderosas,—o amor da patria e o amor de mãe.

—«Ó mãe, da-me uma espada.

Ouço da patria a voz»
—«Eil-a! É immaculada.
Era a de teus avós.»

—Pura a trarei, voltando...
Se não morrer alli.»
—«Vai», disse a mãe, chorando,
«Eu rezarei por ti.»

E trava-se o combate, e sibila a metralha, mas o{25} soldado não volta. É ainda,—e sempre,—a ideia da morte que inspira o poeta. A terceira poesia, que tem por titulo—*A despedida da ama*—e é offerecida ao snr. José Joaquim Pinto Coelho, é igualmente inspirada pelo coração feminino em lucta com as praxes sociaes, com o despotismo da superioridade. São lagrimas d'uma mulher que se deixou amar como se fôra mãe uma criança que não era seu filho.

Puz, á volta do teu berço,
Todo o amor, que um seio tem,
E arrancam-te dos meus braços
Porque eu não sou tua mãe?

De anno para anno são sensiveis os progressos do poeta. A fórma desenvolve-se, torna-se flexivel á inspiração, e o colorido vai ganhando em mimo o que jámais á ideia faltou em sentimento.

Os paes da noiva, poesia publicada no sexto volume da *Grinalda*, valem muito não só pela correcção metrica, que é irreprehensivel, como pelo thema, que é terno, mavioso, commovente. Tudo é festa em derredor da noiva. Só duas pessoas, os paes, teem lagrimas nos olhos. Quando a rapariga parte sob uma chuva de flores, recolhem-se os dous velhos para chorarem em segredo a sua profunda saudade. Está de lucto o lar; a velhice saudosa é peor do que a morte. Seis dias volvidos é tristemente verdadeiro o lucto. Os paes da noiva não puderam com o fardo de tamanhas tristezas. Succumbiram ambos.

Do mesmo volume quizera poder transcrever na sua integra a poesia—*A esmola da pobre*—que é uma delicadissima composição, em que duas creanças, uma rica e outra pobre, soccorrem uma velha mendiga, a rica dando-lhe esmola, a pobre beijando-lhe a mão...

No primeiro dos folhetins que em 1864 publicara no *Jornal do Porto* sob o titulo de *Impressões do campo* veem estes formosos versos que são, a meu vêr, um modelo de naturalidade e singeleza:{26}

O BOM REITOR

Sabem a historia triste
Do bom reitor?
Misero! toda a vida
Levou com dor.

Fez quanto bem podia...
Mas... a final
Morre e na pobre campa
Nem um signal.

Nem uma cruz ao menos
Se ergue do chão!
Geme-lhe só no tumulto
A viração.

Vedes, alem... na relva...
Junto ao rosal
Flores que ha desfolhado
O vendaval?

Cobrem-lhe a lousa humilde;
A criação
Paga-lhe assim a divida
De compaixão.

Pobres, que amava tanto,
Nunca, ao passar,
Choram, curvando a fronte
Para rezar.

Nunca, ao romper do dia,
O lavrador
Pára e lamenta a sorte
Do bom reitor.

As criancinhas nuas,
Que estremeceu,
Já nem sequer se lembram
Do nome seu.

No salgueiral visinho,
Ao pôr do sol,
Vai-lhe carpir saudades
O rouxinol.^{27}

Lgrimas... pobre campa!
Ai, não as tem.
Só da manhã o orvalho
Rocial-a vem.

Da solitaria lua
A triste luz

Grava-lhe em vagas sombras
Estranha cruz.

E elle repousa, dorme...
Vive no céu;
Dorme, esquecido e humilde
Como viveu.

Ha n'esta vida amarga
Sortes assim.
Vive-se n'um martyrio,
Morre-se emfim...

Sem que memoria fique
Para dizer
Ás gerações que passam
Nosso viver.

Quem me escutar, se um dia
Ao prado for,
Ore pelo descanso
Do bom reitor.

Quem sabe se a inspiração d'estes versos, que se nos afiguram escriptos muito antes de serem publicados, foi ainda o germen de que desabrochou, recendente ao perfume das serras e colorido com as tintas mimosas das flores do campo, o romance *Pupillas do senhor reitor*? Cremos que sim. O grão que o sementeiro deixa cahir na leiva é na primavera flor, no outomno fructo, e no inverno riqueza.

Assim tambem a ideia, que o espirito recebeu um dia, póde florir ámanhã, fructificar depois, e opulentar para todo o sempre os celleiros onde se apascenta a intelligencia humana. Toda a primavera foi botão, e o mesmo sol, que ao meio-dia deslumbra, primeiro se mostrou dilucúlo...

No *Almanach das senhoras para 1871* appareceu uma poesia de *Julio Diniz* epigraphada—*A folha solta do ulmeiro*—uma^{28} formosa allegoria em que o coração da mulher, sedento de liberdade, é comparado á folha do ulmeiro que, anciosa de desprender-se do tronco, voa um dia, após as borboletas, impellida pelo ar, até que, depositando-se na terra, fica perdida no monturo...

Virgens, gravae na memoria
Este conto verdadeiro;
Que póde ser vossa a historia
Da folha solta do ulmeiro.

Outros versos escreveria *Julio Diniz* de que não obtivemos noticia; e alguns deixou elle ainda por corrigir, motivo por que não podem e não devem ser publicados.

Além d'estes, outros se encontram disseminados pelos seus romances, como a lenda da *Cabreira* e a *Trigueira*, nas *Pupillas do senhor reitor*; o *Tabaco* na *Familia ingleza*; e especialmente aquellas formosas quadras da *Flor d'entre o gelo*, uma das quaes, em que o poeta apostropha ás andorinhas,

Só eu, que vos sigo com vistas saudosas
Ao vosso desterro, dos mares além,
Já quando ao prado brotarem as rosas,
Talvez não reviva co'as rosas tambem,

parecia encerrar uma prophesia que infelizmente já se converteu em realidade.

VI

Os padecimentos de Gomes Coelho aggravaram-se sobremodo desde 1868, especialmente depois de escripto um pouco afadigosamente o romance *Morgadinha dos canaviaes*.

Nem a ida a Lisboa, nem as distracções e passeios^{29} que os seus amigos lhe proporcionavam, puderam suster o curso progressivo da doença, accidentada no mez de setembro d'esse anno por uma dor nevralgica. A 20 d'outubro, dia em que se celebrava intimamente a festa natalicia do snr. J. J. Pinto Coelho, assistiu, como tinha de costume, ao jantar de familia, se bem que visivelmente incommodado. Os dias que se seguiram foram para Gomes Coelho de verdadeira reclusão. No mez de novembro augmentaram os padecimentos, e a pneumo-hemorrhagia foi mais violenta do que precedentemente havia sido.

Em janeiro do anno seguinte (1869) resolveu-se a ir passar uma temporada a Lisboa, hospedando-se n'uma casa da rua Direita da Graça, á Cruz dos quatro caminhos, onde se conservou cerca d'um mez.

A vida de Gomes Coelho na capital foi triste e concentrada, chegando a passar dias inteiros sem fallar com outras pessoas além das que estavam de portas a dentro. Aconselhado pela medicina, cremos que pelo doutor May Figueira, tomou a rapida resolução de partir para a Madeira. Tirou passagem no vapor

d'Africa e sahio o Tejo no dia 5 de fevereiro. A cento e sessenta leguas do continente, n'essa pyramide de terreno vulcanico que se estende de leste a oeste sobre o oceano occidental,—a Madeira—como disse o desventuroso Arnaldo Gama,^[1] devia de encontrar Gomes Coelho a pittoresca realidade d'esse formoso quadro que traçara na *Flor d'entre o gelo*, «d'essa collina elevando-se graciosa do meio de uma amplissima e vicejante bacia», onde uma constante chusma de invalidos ia pedir allivio á piedade da milagrosa *Senhora da Saude* e á profunda sciencia do doutor Jacob Granada.

A maior parte d'estas casas (as que alvejavam por entre a verdura da encosta)—dizia elle—era habitada por uma população fluctuante de valetudinarios ou convalescentes que procuravam vigorar forças, respirando a pleno seio o ar purificado e livre das montanhas e dos bosques.

Pela manhã, quando as névoas principiavam a dissipar-se e,^{30} por entre a folhagem das arvores, o sol penetrava mais fomentador de vida e ia evaporar o orvalho que ainda rociava as hervas dos caminhos, viam-se subir a collina, a passos vagarosos e com frequentes pausas, esses pallidos doentes, que pareciam renascer só ao receberem aquellas auras embalsamadas pelos perfumes das flores, e suavizadas pelos primeiros calores da manhã.

Era o velho quebrantado e tremulo, parando a meio caminho da ladeira que subia, a fitar o céu, como se d'antemão procurasse decifrar o problema que em breve teria de resolver; o mancebo, inquieto e pensativo, de aspirações ardentes e subidas e em tão alto gráo que no empenho de as realizar lhe falleceram as forças e no forte da lucta sentia-se succumbir; a virgem, meiga e melancolica, como uma das mais ideaes creações ossianicas, errante por entre as arvores seculares ou pendida á borda das correntes, escondendo uma lagrima ou simulando um sorriso, manifestações diversas na apparencia e ambas denunciadoras tantas vezes d'uma grande tristeza interior; a mãe joven e doente, em torno á qual brincava um bando de creanças alegres e cheias de vida, ignorando, os innocentes, que todo o seu destino, que as suas alegrias ou as suas dores no futuro dependiam agora d'aquellas arvores, onde se balanceavam risonhas, d'aquellas virações que lhes açoutavam os cabellos soltos e annelados.

Assim pois o lutar da vida e da morte era o que por toda a parte se via. Contrastes de esperança e de desalento, antitheses de sorrisos e de lagrimas formavam a feição mais caracteristica do quadro.»

Esta devia de ser a realidade do seu poetico ideal, ideal dizemos, se bem que as almas privilegiadas pelo talento possuam a excepcional intuição de lerem atravez do futuro os caracteres do seu mesmo destino...

Em maio d'esse anno, regressou Gomes Coelho da ilha da Madeira, posto que bastante enfermo, relativamente muito melhor. Conservou-se no Porto, tomando parte nos trabalhos escolares, e nos principios d'outubro partiu para Lisboa, sahindo para a ilha no dia 15 do mesmo mez. Regressou em maio do anno

seguinte (1870) e nos primeiros dias d'outubro tornou a embarcar para a Madeira, voltando á patria em maio de 1871.

Cumprê notar que em 1870 sahiram em volume, editados pela casa Moré, e sob o titulo de *Serões da provincia*, os quatro romancezinhos—*Apprehensões de uma mãe*,—*O espolio do senhor Cypriano*,—*Os novellos da tia Philomella*, e —*Uma flor d'entre o gelo*.

Durante as tres epochas que demorou na ilha foi que^{31} *Julio Diniz* escreveu o seu ultimo romance—*Os fidalgos da casa mourisca*,—posto que das duas ultimas alternasse os trabalhos de redacção com estudos de economia politica. Em maio, como já dissemos, regressou ao Porto, gravemente doente, atacado, além dos seus padecimentos chronicos e fataes, d'uma dor sciatica.

Então devia já ter-se feito noite n'aquelle grande espirito, e a ideia da morte havia de interpor-se, cada vez mais intensa e melancolica, entre o presente e o futuro.

Declinava o sol; o occaso estava proximo.

Que dolorosos pungimentos de saudade lhe não havia de dar a cada momento a memoria,—aquella vivaz e fiel memoria dos phtysicos,—ao recordar-se dos tranquillos dias da sua mocidade, das suas excursões a Aveiro, a Felgueiras, a Leiria, sempre rodeado d'amigos, sempre querido d'elles, agora que, por uma barreira invencivel, se via, e para sempre, distanciado d'um amigo que sinceramente o estimava,—o publico!

VII

Em Gomes Coelho tão identificados andavam o homem e o litterato, que não havia surprehendel-os na menor contradicção. O mesmo é lêr os seus versos, os seus romances sobretudo, e descortinar para logo a limpidez, a tranquillidade, a nobreza d'aquella alma. Os quadros que devemos á sua penna são placidos, azues e luminosos, e estes serenos esplendores que lhes davam animação partiam directamente, sem jámais atravessarem um meio viciado, do foco intimo e puro, —do seu grande e nobilissimo espirito.

Eu folgo muitas vezes de, seguindo o rumo da critica moderna, estudar o *eu*

subjectivo no homem material e nas suas mil relações com a sociedade. É um trabalho duplamente interessante, e tão curioso estudo em{32} ninguém mais dará tão promptos e satisfactorios resultados como em Gomes Coelho.

Julio Cesar Machado, escrevendo ha pouco tempo ainda do popularissimo doutor Thomaz de Carvalho, perguntava singela e intencionalmente:

Conhecem o quarto? Gabinete de estudo, e museu de amator, tanto mais interessante que reflecte por alguma maneira o character, habitos, genero de predilecções de quem o constituiu com o gosto e cuidado inseparaveis de sua indole. Ha alli muito da sua individualidade; é tudo d'elle e por elle alli; uma especie de transfiguração de sua pessoa; como que o sobretudo d'aquelle espirito multiplice e fecundo. Ao mesmo tempo, quarto modesto e reservado—como convem para o estudo, não tendo sequer a indiscrição de olhar para as ruas.

Ora eu lembro-me de ter em 1868 visitado Gomes Coelho na casa em que então morava no largo de S. João Novo. Entrei para o seu quarto, modestamente mobilado, e pela elegante singeleza que reinava alli, pela regularidade systematica, e pela graciosa disposição dos seus papeis e dos seus livros recordava-se a gente subitamente dos romances de *Julio Diniz*.

Devia de ser traiçoeiro aquelle quarto para os que não soubessem que o mesmo homem absorvia as duas individualidades...

Coração d'ouro, affectuoso, impressionavel, character honesto, justo, incapaz d'uma ligeira offensa, a si mesmo se daguerreotypa involuntariamente nos seus romances, nos seus personagens admiraveis de candura e pureza, porque em todos elles havia alguma coisa da sua alma. «Eu encarno-me nos meus personagens—dizia elle a alguém da sua familia—antes de os desenhar. Supponho-me elles, faço-os pensar o que a mim me parece que pensaria em tal caso, obrigo-os a dizer o que eu diria por ventura em identidade de circumstancias.»

Outros escriptores terão colorido mais vivo, mais pittoresco até; poucos lograrão vencel-o na observação escrupulosa, na moralidade dos quadros, na doçura dos assumptos, e finalmente no desenvolvimento dramatico da acção, circumstancia importantissima, porque o romance{33} é simultaneamente narração e drama, dialogo e descripção, como observou Pelletan.

Realista, porque elle o era em litteratura, jamais se occupou em reproduzir os quadros negros da sociedade, as paixões revoltas e baixas, as enormidades do crime, os typos ridiculos ou hediondos.

Suppondo mesmo que o não sabiamos, facilmente conheceríamos que o espirito de Gomes Coelho fôra educado na leitura do romance inglez. Os seus personagens, pelo menos em alguns dos seus livros, se não são tão humildes, se não professam officios mechanicos, como os de George Elliot, são typos escolhidos na galeria rustica do campo.

As suas novellas são chronicas d'aldeia, como elle mesmo as denominava. Nos *Fidalgos da casa mourisca* está completamente photographada a indole do romance moderno que os inglezes adjectivam de sociologico. Qual é o fim d'este romance? Que problema se propõe resolver? O professor Buchner, da faculdade de letras de Caen, escolheu ha pouco tempo para assumpto d'uma conferencia interessantissima a nova direcção que a litteratura britanica tem dado ao romance depois de Dickens e Thackeray, «os heroes da satyra e do bom humor», como elle mesmo lhes chama. Não bastavam as zombarias humoristicas d'estes dois romancistas, as suas verberações violentas á burguezia e á nobreza para implantarem a nova reforma social. Era preciso mais alguma cousa do que censurar o mal;—era preciso apontal-o, sondal-o, e cauterisal-o. D'esta missão humanitaria e prestimosa se encarregou o romance sociologico, occupando-se primeiro que tudo da educação nacional, como fez Bulwer no *Pelham*, e passando da familia, onde as creanças lhe merecem sérias atenções, a combater na sociedade os velhos preconceitos, os monopolios escandalosos, as tradições classicas, antigas inimigas da verdadeira liberdade. Tudo isso se presente nos primeiros romances de *Julio Diniz*, nas *Pupillas do senhor reitor*, por exemplo, onde a medicina moderna, representada em Daniel, tem de fazer rosto á velha sciencia hyppocratica de João Semana, e tudo isso se manifesta claramente^{34} nos *Fidalgos da casa mourisca*, onde a aristocracia, ciosa dos seus pergaminhos, lucha e porfia com a nobreza do trabalho, onde a civilisação antiga digladia com a sociedade moderna, n'um combate proficuo á humanidade.

Os romances de *Julio Diniz* resentem-se portanto da sua educação litteraria e, a meu vêr, compartilham das virtudes e dos defeitos do romance sociologico inglez. Reflectidamente accusa o professor Buchner os modernos romancistas da Inglaterra de descurarem um pouco a fórma por attenderem demasiadamente á materia; finalmente de uma exuberancia extrema de pormenores, e até de personagens, exuberancia esta que por mais d'uma vez abafa o centro de

gravidade, o verdadeiro heroe do romance.

De resto não ha ahi litteratura mais doce, mais consoladora, mais orvalhada de lagrimas refrigerantes para os que na lucta ficam vencidos, e mais cheia de serenas alegrias para os que, vencedores, recolhem os louros do triumpho.

Na esphera do *realismo*, visto esta palavra andar hoje em voga, Gomes Coelho está no polo opposto ao dos irmãos Goncourts, Zola, Gaboriau, Feydeau, e muitos outros. Nós, «entendendo *realismo* do unico modo por que póde admittir-o a consciencia e confessal-o a razão, julguemol-o só observador consciencioso, reproductor discreto» para nos servirmos das palavras de Mendes Leal, e veneremos em Gomes Coelho, no *amavel moralista*, como lhe chama o mesmo escriptor, essas qualidades que elle possuia em grau eminentissimo.

Não é nosso intento, nem o comportam as exiguas dimensões d'um esboço biographico, fazermos uma critica especial sobre cada livro de *Julio Diniz*. Propozemo-nos simplesmente estudar-lhe a *maneira*, fazer sentir a sua individualidade exclusivista, e com isso nos contentamos.

Céo limpido, atmospheria pura, montanhas vagamente esbatidas no horizonte, campinas cobertas de flores e esmaltadas por aguas scintillantes e suspirosas, a amenidade da aldeia n'uma palavra, a natureza rude mas{35} casta,—n'isto se resumia a *mise-en-scene* dos seus dramas. Os seus personagens não eram os pastores anachronicos de Gessner ou Virgilio, os pegureiros ignorantes das alturas de Barroso. Eram, como já deixamos vêr, os corações formosamente singelos, como as flores d'entre as serras, o reitor, o herbanario, o camponez abastado, o cirurgião, o fidalgo, e as mulheres cujos corações desabrochavam para florir na primavera perpetua do bem. A mulher! oh! essa nobilitava-a elle sempre, modelando-a pelo seu ideal de formosura e bondade, pondo-lhe no coração balsamos para todas as chagas, conforto e ensinamento para todos os obcecados pela paixão infrene. Destacam-se sobre um horizonte azul, como a vela branca na amplidão das aguas dormentes, os seus incomparaveis typos de mulher, ou estudemos a Margarida das *Pupillas do senhor reitor*, ou a Jenny da *Familia ingleza*, a Magdalena da *Morgadinha dos canaviaes* e a Bertha dos *Fidalgos da casa mourisca*. Sempre a mesma doçura, a mesma bondade intelligente, a mesma elevação, a mesma pureza de ideias e sentimentos!

Notaremos de passagem uma circumstancia muito para significar até onde ia a magnanimidade de Gomes Coelho.

Aproveitando o typo do velho cirurgião, mais experiente do que instruído, com maior peculio de anedotas do que de conhecimentos scientificos, dando-nos aquelle interessante e completo João Semana das *Pupillas do senhor reitor*, não foi para fazer d'elle a caricatura do proto-medicato, um personagem grotesco e risivel, senão para nos obrigar a estimarmol-o e a respeitarmos a sciencia antiga apresentada n'um homem de nobilissimo coração. O mesmo não aconteceu a Silva Gaio, escriptor eminente é certo, mas critico incisivo e quasi sempre apaixonado, mormente em assumptos historicos, que fez do João Marques, do *Mario*, a caricatura cruelmente verdadeira do charlatanismo medico.

Os romances de *Julio Diniz* foram profusamente apreciados pela imprensa. Além do seu valor real offereciam certa novidade para o publico portuguez,—nacionalisavam{36} o moderno romance britanico, desconhecido em Portugal. Na vanguarda dos admiradores de Gomes Coelho collocou-se espontaneamente o snr. Alexandre Herculano e, após elle, muitos talentos distinctos da nossa terra sahiram a festejar o modesto romancista portuense, para quem a justa gloria que lhe outorgavam era mais um gravame pesado de que um galardão para a consciencia.

Obriga-nos a nossa qualidade de chronista a consignar um senão apontado pela critica mais illustrada, sempre respeitosa e entusiasta, especialmente pelo snr. J. M. de Andrade Ferreira, na *Gazeta litteraria do Porto*—era que *Julio Diniz* falseava a cada passo a linguagem dos seus personagens, recrutados na população dos campos, quando esta linguagem devia ser singela, chan e rude para soar verdadeira e natural aos ouvidos menos exigentes.

Pouco é o que do romancista temos dito, mas n'esta rapida apreciação, assim exigida pela natureza d'um esboço biographico, concentramos as nossas opiniões, que por menos contrahidas, não se alterariam n'um estudo de mais latas dimensões.

VIII

Em junho de 1871 annuiu Gomes Coelho a retirar-se com a familia de seu primo, o snr. José Joaquim Pinto Coelho, para a rua do Costa Cabral, na enganadora esperanza, que alimentavam os seus, de que a proximidade benefica dos campos seria obstaculo à marcha, cada vez mais accelerada da molestia.

Levou comsigo alguns livros, especialmente inglezes, a cuja leitura se entregava com interesse. Não obstante os extremos carinhos da familia que o rodeava, e^{37} a solicita assistencia dos seus intimos amigos, o primeiro mez foi de continuo definhar, sendo-lhe já motivo d'aborrecimento, muitas vezes, o rever as provas dos *Fidalgos da casa mourisca*, que se estava imprimindo, apesar de auxiliado n'este trabalho por seu primo, e podemos dizer enfermeiro, o snr. Pinto Coelho.

Assim foi declinando a vida de Gomes Coelho, até que á uma hora da madrugada do dia 12 de setembro, tendo passado a noite com seu primo, e o seu intimo amigo o snr. Custodio José de Passos, sem denunciar tão proximo desenlace, exhalou o derradeiro alento, depois d'uma longa agonia de tres quartos d'hora.

O *Jornal do Porto*, que fôra o primeiro a festejar-o, foi tambem a primeira folha do paiz que divulgou a triste noticia do seu passamento, n'estas sentidas palavras escriptas pelo meu amigo Sousa Viterbo, então colaborador effectivo do mesmo jornal:

Aproximam-se as tristezas do outomno e ás tristezas da natureza ajuntam-se as melancholias do coração.

O paiz e as boas letras acabam de perder um dos seus mais estimaveis talentos. Joaquim Guilherme Gomes Coelho expirou esta madrugada á uma hora.

Mais que a nenhum outro jornal do paiz, ao *Jornal do Porto* cabe-lhe o dever de derramar uma lagrima de saudade sobre o tumulo do grande romancista. Foi nas columnas do nosso diario que o author das *Pupillas do senhor reitor* principiou a sua brilhante carreira litteraria.

Era com a maior avidez que os nossos leitores seguiam os folhetins do *Jornal do Porto*, quando esses folhetins publicavam as perolas da nossa litteratura, que se denominam—as *Pupillas do senhor reitor*, *Uma familia ingleza*, e a *Morgadinha dos canaviaes*.

A Providencia não quiz conceder a Gomes Coelho mais um momento de vida para rever as ultimas provas do seu derradeiro romance—*Os fidalgos da casa mourisca*. Que saudades que não levaria elle do seu livro!

Gomes Coelho não era sómente romancista: era tambem um homem de sciencia. Tres vezes concorreu ás cadeiras da Eschola-Medica e de tres vezes o seu talento robusto deixou um rasto fulgurante. Todos o reconheciam como uma das primeiras capacidades d'aquelle estabelecimento scientifico.

Como Soares de Passos, de quem foi amigo, Gomes Coelho deixa uma lacuna difficil de preencher na nossa litteratura. A sua carreira litteraria estava por completar ainda. A sua imaginação estava ainda fresca como um dia de primavera. Que de^{38} flores que se não perderam; que de fructos esmagados sob a lousa d'um tumulo!

Gomes Coelho deixou retratado o seu espirito nas paginas suaves, doces, innocentes dos seus romances. Era uma alma singela como as scenas que tão delicadamente nos descrevia. Observador profundo, enamorava-se do que havia de bello na alma popular e deixava no escuro as miserias que ennegrecem a vida. Comprehendia que a litteratura tinha uma sacrosanta missão e nunca manchou a sua penna nas torpezas da comedia humana.

Gomes Coelho ha muito que se debatia com as agonias da doença. O seu espirito de gigante debalde luctava com a debilidade do corpo. Os seus profundos estudos, a sua assiduidade no trabalho deviam-lhe minar forçosamente a existencia. Debalde procurou na ilha da Madeira allivio aos seus padecimentos. Os amigos que o viram partir da ultima vez ficaram nutrindo a esperança de que os ares purificados da perola do oceano lhe dariam novo alento. A esperança foi illudida.

Durante a sua estada na ilha da Madeira, Gomes Coelho conviveu com um talento privilegiado, a quem o *Jornal do Porto* deveu tambem os thesouros opulentos da sua penna. Mais feliz que Francisco de Paula Mendes, Gomes Coelho veio morrer ao solo natal, entre os amigos que o queriam e a familia que tanto o estremecia.

Entre os membros d'essa familia conta-se um confrade nosso (era o snr. J. J. Pinto Coelho, então nosso redactor) que a estas horas verga ao pêso d'uma dor excruciante. Enviamos ao confrade amigo e aos seus o testemunho da nossa profunda magua.

Na typographia estava-se compondo o segundo volume do seu romance, quando a noticia da morte de Gomes Coelho corria de bocca em bocca, despertando geral commoção. Mezes depois, em janeiro de 1872 sahiam a lume os *Fidalgos da casa mourisca*. E todavia, áquella hora em que a triste nova circulava de praça em praça, de casa em casa, restava apenas do grande talento de Gomes Coelho um cadaver preparado para o sepulchro, ao sopé d'um Christo alumiado pela luz arquejante dos cirios.

O *Jornal do Porto*, fazendo-se cargo de acompanhar á ultima morada os despojos mortaes do escriptor cuja gloria primeiro prophetisara, escrevia no dia seguinte:

Baixou hontem á terra o cadaver do chorado e talentoso escriptor, cuja morte prematura noticiamos na nossa folha de terça-feira.

Os responsos de sepultura foram rezados na velha Igreja de{39} Cedofeita. Era grande o numero das pessoas que assistiram a este acto funebre: entre ellas o corpo docente da Eschola-Medica, de que o finado fazia parte, e alguns professores de outras corporações scientificas e litterarias.

Pegaram ás azas do caixão seis dos antigos condiscipulos do snr. Gomes Coelho, a quem elle tinha na conta de seus mais caros amigos. Foram os snrs.: Ernesto Pinto d'Almeida, Augusto Luso da Silva, Eduardo Augusto Falcão, José Augusto da Silva, Miguel Teixeira Pinto e José de Macedo Araujo Junior.

A chave do caixão foi depositada nas mãos d'um dos mais intimos do fallecido, o irmão do grande poeta que escreveu a *Visão do Resgate*. No rosto do snr. Custodio de Passos desenhava-se a dor do triste sacrificio que lhe impunha a amizade.

Entrou no seio da natureza o corpo d'aquelle que tão bem a tinha sabido representar nos seus quadros de poesia campestre. O seu espirito, porém, ficou encarnado nos seus livros e viverá entre nós emquanto se souber prezar a belleza das grandes obras d'arte.

O nome de Gomes Coelho não é d'estes nomes ephemeros que se gravam em lettras douradas no marmore d'um tumulo luxuoso.

Eu, profundamente impressionado pela morte de Gomes Coelho e obrigado a sahir do Porto, por motivos extranhos á minha vontade, no dia do seu enterro, fui dos primeiros a depôr uma flôr de saudade no tumulo havia pouco cerrado, porque era realmente um dos seus mais sinceros admiradores. Nas ultimas paginas do livro—*Esboços e episodios*—escrevia eu emboscado n'umas paragens sombrias do concelho de Sinfães:

D'esta vez já cá não encontrei as andorinhas. Sahi do Porto dias depois d'ellas partirem, e mais uma vez averigui que sempre com ellas emigra para mais lucidas espheras a alma d'um poeta que succumbe á melancolia do outomno. Este anno as andorinhas e a alma de *Julio Diniz* partiram ao mesmo tempo. Estava a natureza de lucto, e a litteratura tambem.

Era um dia triste, pesado, chuvoso.

As andorinhas poisaram em bando nas cornijas musgosas da igreja de Cedofeita. Estavam a discutir provavelmente a necessidade de emigrar, a combinar talvez a hora da partida.

Michelet no seu formoso livro denominado—*L'Oiseau*—cita um exemplo eloquente d'estas discussões animadas das andorinhas momentos antes da partida. As pobrezinhas sacudíam, tremendo, os pingos d'agua que lhes emperlavam as pennas. Estavam amedrontadas da neblina. Deviam partir. De repente reboam os echos do campanario com uma toada lugubre. Era a{40} voz do sino que annunciava o passamento de Gomes Coelho. Não pensaram mais um momento, não reflectiram siquer.^[2]

Partiram em direcção ao mar, atravessando os campos.

Pobre scismador, que sentia dentro do craneo a chamma dos predestinados para a gloria e no peito a urna embalsamada d'um coração sem macula, com que inexplicavel melancolia, e porque longas horas de dilacerante angustia, não veria elle destacarem-se, nos campos visinhos, sobre o céu pardacento do outomno, os troncos das arvores cada vez mais despidos e solitarios! Era aquelle um sentir-se

resvalar para o tumulto, dia a dia, um despedir-se lentamente das suas affeições, dos seus romances que resumiam horas de enlevo e melancolia, e do seu ultimo livro, especialmente do seu ultimo livro, folha, que, ao voar do recinto da familia para a officina typographica, fôra talvez rociada pelas lagrimas furtivas d'um presentimento pungente.

Era que tinha de ser a ultima d'uma primavera que, em pleno esplendor de suas galas, via enovelar-se ao longe, avançando sempre, a nuvem negra do simoun que levaria após si folhas e flores para abysmar umas e outras nos despenhadeiros do sepulchro.

E a nuvem aproximou-se, e o simoun passou, e tudo o que estava ainda enthesourado nos cofres opulentos da primavera perdeu-se, mas a folha verde dos intimos vergeis tinha já voado, nas brisas suavissimas da gloria, a enastrar-se n'uma corôa entretecida por outras, suas irmãs, porque da mesma seiva se nutriram, e que pairava a uma altura superior ás impetuosas correntes que impellem o homem desde a vida inconsciente do berço até aos abysmos insondaveis da eternidade.

De Gomes Coelho só morrera o homem; o escriptor ficara.

FIM

[1] *A Caldeira de Pero Botelho*, romance, pag. 200.

[2] N'esta ruim profissão das letras, tão escassa de rendosos benesses, é licito orgulhar-se a gente de certos galardões espontaneos que lhe dão á alma um momento de conforto. Por tal razão se transcrevem as palavras que nos enviava o snr. D. Antonio da Costa com relação ao artigo transcripto:

«Mando-lhe um abraço pelo sentido artigo biographico que escreveu a respeito do pobre *Juio Diniz*. Li-o, e muito gostei d'elle.»

End of the Project Gutenberg EBook of Julio Diniz, by Alberto Pimentel

*** END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK JULIO DINIZ ***

***** This file should be named 32156-h.htm or 32156-h.zip *****
This and all associated files of various formats will be found in:
<http://www.gutenberg.org/3/2/1/5/32156/>

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images
of public domain material from Google Book Search)

Updated editions will replace the previous one--the old editions
will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no
one owns a United States copyright in these works, so the Foundation
(and you!) can copy and distribute it in the United States without
permission and without paying copyright royalties. Special rules,
set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to
copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to
protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project
Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you
charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you
do not charge anything for copies of this eBook, complying with the
rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose
such as creation of derivative works, reports, performances and
research. They may be modified and printed and given away--you may do
practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is
subject to the trademark license, especially commercial
redistribution.

*** START: FULL LICENSE ***

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free
distribution of electronic works, by using or distributing this work
(or any other work associated in any way with the phrase "Project
Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project
Gutenberg-tm License (available with this file or online at
<http://gutenberg.net/license>).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm
electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm
electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to
and accept all the terms of this license and intellectual property
(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all
the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy
all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.
If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project
Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the
terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or

entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation" or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is in the public domain in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country outside the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.net

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived from the public domain (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than "Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.net), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg-tm works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread public domain works in creating the Project Gutenberg-tm collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg-tm's goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation web page at <http://www.pglaaf.org>.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at <http://pglaaf.org/fundraising>. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S. Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered throughout numerous locations. Its business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email business@pglaaf.org. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's web site and official page at <http://pglaaf.org>

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby
Chief Executive and Director
gnewby@pglaaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide spread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit <http://pglaf.org>

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: <http://pglaf.org/donate>

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

<http://www.gutenberg.net>

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.